

# A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

## CHRONICA

Uma chronica nestes dias! Só a muita amizade que dedico ao proprietario da «Lagrima» é que m'a podia fazer escrever.

Deveria fazer a resenha do anno que acaba, mas é tão triste, tão triste recordar dores... e o anno só teve de bom a manifestação dos heroicos feitos dos nossos soldados: demais são dias de festa e de alegria, festa que acaricia todos e alegria que a todos sorri. E' a festa da humanidade, principalmente da humanidade infantil que nestes dias tem os seus presentes, os seus jogos, as suas expansões. E está-se bem junto das creanças, principalmente quando folgam e riem sem desgostos e sem foina.

E' que o fim do anno, talvez para esquecer as dores passadas, torna felizes aquelles mesmos que durante 11 mezes soffreram os mais penosos trabalhos e luctaram contra a mais tetrica miseria.

Nestes dias em que a Caridade estende o seu manto amoroso por sobre todo o mundo, ha lume em todos os lares e alimento em todas as dispensas; felicidade em todos os rostos e gozo em todos os corações. Vivem alegres os ritos pelo bem que distribuem, ficam alegres os desherdados agradecendo as offertas que aquelles lhes enviam.

E' a perfeita fraternidade que impera e subjuga docemente, brandamente todas as almas.

E o ceu parece juntar a sua alegria á alegria da terra; até o tempo, despresando os prognosticos tempestivos de Nehele con, se associa á festa dando-nos uns dias primaveris, tanto mais aproveitaveis quanto a chuva nos havia fustigado valentemente, encharecando aquelles que a ella se expunham. 31 de dezembro.

Ainda ouço os alegres descantes de boas festas. Noute bella de janeiro, estrellas scintilando num ceu puro e a lua banhando de luz os tectos das casas onde ainda reina a alegria; pelas ruas as *janeiras* são cantadas duma forma superior.

E' que todos tem a esperanza que o anno de 96, com os poucos momentos que tem ainda de existencia, será um anno de felicidades, para esquecer as desillusões que o de 95 desfez, as amarguras que despertou, os receios que incutiu.

E eu, que não sou pessimista, assim o creio, pelo que com toda a effusão, saudando o anno novo, envio ás gentilissimas leitoras e indulgentes loitores o meu cartão de—*Boas festas*.

Porto | 1 | 4 | 96.

M. ARIO.

## O PITADAS



*Assim ha de ficar para sempre lembrado e conhecido.*

*Pobre rapaz! Morreu na flor da vida, quando sonhava com as melhoras, quando a Vida o enganava, fazendo-lhe mais quente o ninho onde se escondia a Morte!*

*Era alegre e era bom. Todos os bons são alegres. Se não no exterior, rindo em*

*gargulhadas argentinas, no interior, na intima e serena e doce paz da consciencia.*

*O Pitadas tinha uma e outra dessas fugaces e saudosas alegrías.*

*Era justo e honrado.*

*A Honra é o apanagio da Pobreza.*

*Ha-de lembrar sempre. Porque era activo, laborioso e de raro engenheiro creador.*

*Foi elle quem modelou, em barro grosso, as duas estatuas que figuraram em luzidas festas a S. João em Barcelinhos, a do propheta e a do Christo.*

*Desenhava, pintava, e sem ter mais do que o talento nativo, porque nunca recebera estudos espeziaes.*

*Por elle, pelo bom Pitadas, desfolha hoje a «Lagrima», que algumas gravuras por elle abertas publicou, uma mão cheia de violetas.*

## RECORDANDO

Figura esbelta, de linhas correctas, era o major dum regimento portuguez—nos meus tempos de militar—um individuo que conhecia a arte de *saber dizer*. Dava um bom actor.

Tinha lagrimas na voz quando se referia ás mulheres abandonadas ao monturo pelos homens *conquistadores*.

Na pratica era, porém, um coração empedernido.

Havia, como serviçal, na casa de sua familia, uma rapariga tentadora, de boas carnes, de olhos vivos, que o major dizia ás visitas da casa ser, como era, um a pequena honrada, de espirito scintilante, de quem se impunha desvelado protector.

Deixára o militar desenvolver a rapariga. Quando os peitos estavam alaranjados, a boca amorangada, a pedir caricias requintadas, de-

sejou tiral-a do serviço dos seus para a pôr por sua conta, num quarto dosafogado!..

Chegou isto aos ouvidos da sua familia e foi expulso dos lares paternos.

Rolaram sobre esta scena poucos mezes. O major passava cadenciadamente num dos pontos principaes da sua terra. Ao lado vê, nos braços dum ex-corneta do seu regimento, a rapariga que quiz seduzir—e que brevemente será casada.

ZETIL.

O nosso amigo Julio Joaquim Barreto quer, á viva força, que os barcelenses leiam e leiam muito. Para isso tem uma collecção variada de livros antigos e molarnas.

Depois, como se sabe que em Barcellos ha namoradores apolatinizados, de fino gosto, tem papel cheio de ramos, com corações trespassados de settas de Cupido e tinteiros com tinta e sem ella.

Uma Babylonia de coisas apeteceveis.

Barcellos, que tem a cabeça de pedra, segundo a historia, não estará muito para coisas de bom gosto; se o estiver não encontra em casa do Julio só livros e quinquerilhas—tambem a sua boa vontade em servir bem os freguezas.

—«Saberão suas incelencias que ain la hoje não querei o jijum. E ninguém me dá na la. Raios me parta como's'eu visse como roubava. Coitado! Estou ego da vista».

E lá foi barbear-se ao Nascimento, de Barcelinhos, acompanhando da sua niva. O artista embellesou-lhe a cabeça, apartan lo-lhe o cabello e pulvilhando-lhe a cara com pó de arroz, depois de lh'a ter rapado—em lavagem.

E' menligo, mas generoso—leu 30 reis ao artista.

A namorada, mais ferreta, achou aquilo dinheiro de seis esmolas, porisso disse ao barbeador:

«—Faça favor de me dar esse dinheiro».

E deu-lhe só um vintom.

E o pedinte lá continuou:

—«Nem um chapéu para esta cabeça».

Recebamos o seguinte necrologio firmo lo por Molle, um eminente necrologista do ultimo quarto do seculo das luzes, muito conhecido nesta villa, e a que por vezes a «Lagrima» se tem referido.

*Requiescat in pace.*

Foi lenta a sua agonia e horrivel o seu estertor. De ha muito que a morte pairava sobre a pobre extincta, rouban lo-lhe a alegria da vida e transforman lo-a numa coisa qualquer parecida

com um *pastellão*. A sciencia foi impotente para lhe combater a doença, e os amigos desampararam a infeliz, entoando já o *De profundis*. Apareceu então um Messias encarnado em pharmaceutico. O afiado gume da foice da implacavel Parca foi embotado com um violento caustico, que a desgraça-la aguentou com resignação. Algumas melhoras conseguiu, porém quando o mal é de morte, o remedio é morrer.

Como todas as cousas unu lanas foi muito apreciada e a fortuna sorriu-lhe gaiatamente, mas, coitada, semelhante a uma esfarrapada menlga, os ultimos tempos da sua vida foram bastante escassos, mesmo de fome.

Trabalhou fanaticamente pelo seu ideal que nunca viu realisa-lo, a unica saudade que a acompanhava á sepultura.

Pobre «Ideia Nova.»

30 | 12 | 93.

MOLLE.

Nos Bombeiros:

—... Mas você porque se veio embora?

—Mi deu uma côceira nos escrotos e disse á minha sinhora: «Vamos na Europa; e aqui isto». O amigo si vao rir; Mi dirigia, em S. Paulo, á minha chácara, quando descobri o mestre di mininos Zézinho Nunes Pereira; chiquei a elle, que estava no *bonde*, lhi dei um abraço á ponto di elle mi dizê: «O' bilontra, mi machuca.» Mi tinha enganado, era um chefe di trôpa. Fiquêi embatôcado...

Mas como Barcellos está tão dimôdado...

Noite de Natal, noite de rabanetas, noite de mexilos.

O José Mattos recebia no seu Café toda a sua clientella no expansivo convívio das alegres boafestas. Quatro hespanhoes faziam as delicias da noite dedilhan lo nas suas banlurras *salerosas malaguenas*. Encontrão num, empurrão noutro, o Sardinha já muito *quente*, conseguiu chogar junto dos musicos.

—Oh! sardinha, você não é capaz de egualar os pizicatos que esses fazem tão bem?

—Não? Quem lo disse? Vão buscar o Zé Lisboa com o violão e tragam-me a minha rabeca e vocês verão!

E num impeto do altivez pizicateira lança mão duma rabeca dos hespanhoes. Uma estronlosa gargalhada approvou o heroico proceder do Sardinha e serviu de acompanhamento ás suas produções, que os hespanhoes não poliam acompanhar por não perceber os tons.

Aclamado victoriosa e delirantemente, o Sardinha quer fazer a sua retirada, mas para isso falta lhe um embrulho que guardava aos olhos curiosos um par de coroulas e uma canisola. Rebascou-se tulo, revolveu-se tulo, e o embrulho sem

## A LAGRIMA

apparecer. Alguem lembrou-lhe seguir pelo caninhão por onde veio, e eis-o ali vae o Sardinha de lanterna na mão, sem ser Diogenes, á procura das ceroulas e da camisola. O caso é que elle não estava tão *quente* como se dizia, porque não perdeu o tino, ou então tem predicados dum bom rafeiro, porque encontrou o objecto dos seus cuidados no estabelecimento do Alves.

Convem notar que este Sardinha não é o José Luiz, mas sim o Francisco.

### NOTAS DA QUINZENA

«Nunca, jâmais, em Barcellos, em tempo algum», como nesta quinzena, os principaes acontecimentos do dia foram exhibidos de noite...

Novenas, consoadas, soirées, se verificaram á luz de azeite de purgueira que, nas lamparinas, acaba por dar espirros, assim como um cabrito novo, e á do petroleo que, no estertor fica amarella, assim como uma visão triste.

As novenas fizeram levantar os barcelenses com o pisco, ou quando o Mattos acende a luz nas trazeiras da sua casa (que, aqui, é preciso abrir um parenthesis; as pessoas que entram pelo lado da Praça dizem sôr por ali a frente do Mattos e a rua Direita as trazeiras; os que dão ingresso por esta, no dito, affirmam o inverso;—nós não lhes vamos ao contrario). As novenas tinham o conveniente da caixeirada fumar do grosso e beber do fino. As namoradas, com os cabellos orvalhados, lucravam em escorropicharem o vaso das amorosidades. Os dandys não entram, ou por outra, não dão entrada nestas matinaes—por se levantarem ao meio dia.

A consoada foi tola humida. De entradas, agudadas da chuva, e de sahitas, molhadas do vinho. Graças ao vento forte—que tirava pelos beirões dos telhados e fechaduras das portas notas cheias, assim como aquellas que o padre Villas arranca do rabecão—o ven laval das bebedeiras rebentou em familia.

Barcellos terminou o anno com a barriga doce de mexidos e sopas seccas, e entrou neste a dançar. Não fez caso do axioma fradesco: «Depois de comer, dormir»... Que elle bebeu mais do que comeu, afirma a Fazerla...

As *soirées*. Em casa do Piuza, Juiz, Delegado e Assembla, as damas e os cavalheiros desta terra, *batobante*, entregaram-se de corpo e alma aos folgares dançatorios, no meio de empuxões de rhetorica espirital.

Tudo ridente. A lagrima esteve pelas viellas da amargura...

Na *soirée* da Assembla havia explosões de amabilidadees como esta: «V. ex.<sup>a</sup> tem os cabellos da cor da esperança morta ha annos».

Por fallar em *cabello*.

Vi por lá penteados do feitio dos capacetes hombeiraes.

(X. é um rapaz novo e côrado. Está sempre no meio da sala, a rir-se e a olhar para os dois espelhos que ficam nos extremos. Uma senhora:

—Aquillo é para se vêr, para se mirar...

—A'gora, é simplesmente para ser visto...)

Em geral o mestre-escola é considerado o symbolo da fome, e tanto que os jornaes de caricaturas costumam pintal-o sempre ca-laverico, melanas compridas e fato esfarrapado. Ha, porém, uma excepção á regra, e disso se ufana Barcellos. Em Villa Cova, freguezia pouco distante desta villa existe um, o Rosendo, que apresenta um todo herculeo, capaz de envergar as pesadas vestiduras de guerra que se apresentam nos museus, como que fazem lo troça da fraqueza e falta de sangue da presente geração, e ir assim até á Africa e dar dois pontapés no Gungunhama. Ainda ha dias elle praticou um feito não menos glorioso. A Camara foi aquella freguezia vistoriar, o que não importa ao caso, e para examinar bem a questão era preciso atravessar um ribeiro. Não ha ponte nem barco, e a largura do ribeiro não permite que um bom pulo ponha do outro lado os vistoriantes. Rosendo resolve immediatamente a difficuldade, e qual outro S. Christovão, agacha-se, e cada um dos individuos vae por sua vez cavalgando lo Rosendo, chegando á outra margem limpos e seccos.

Na primeira sessão da nova camara vae ser presente um projecto, para dar ao Rosendo mudança de situação em harmonia com a sua vocação...

Em Fão houve grande questão por causa de uma prociissão, onde era levada a imagem do Sagrado Coração, offerecida por umas senhoras de muita devoção. Muitos queriam que a prociissão saísse da igreja do Bon Jesus de Fão fazendo o revd.<sup>o</sup> prior opposição para que saísse da capella do cemiterio.

Depois de—d'aqui sim, d'ahi não—chegou-se á conclusão da acção que se travava rija o valente, ameaçando o padre tudo com a excomunição, que é um pouco peor do que estar na prisão por causa da algum cuchação.

E vae de ali então, do cemiterio sahio a prociissão no meio da indignação de todos, que diziam—não—, e assim terminou em Fão tão estúpida questão.

Parodia um enterroão...

O Bernardino do Zilo, homem dado a bons ditos, *alegre* como *alegre* e festiva era a noite em que elle soltou, livre e espontanea, a sua chalaça, percorreu varias casas de suas relações.

## A LAGRIMA

de amizade dando as boas festas. Para ser agradável em todas podendo servir-se de qualquer bocado da consuada, teve o cuidado de fazer *cerimônia* na consuada familiar, guardando um cantinho do estomago para recolher as varias guloseimas e finosinhos, que, *visto que tanto aberta*, era obrigada a ingerir.

Numa dellas, quando a animação estava no seu auge fallando todos a um tempo etc, etc, o Bernardino pede silencio e diz:

—Eu peço um Padre-Nosso por alma do sr. F (e pronuncia o nome do chefe da familia, já fallecido) e sem dar tempo a que alguém lhe observasse a inconveniencia do pedido, começou rezando em voz apropriada—«Padre Nosso, que estaes no ceu, santificado...»

O Asylo dos Sagrados Corações de Jesus temnos merecido sempre sympathy. A redacção da «Lagrima» já, por mais de uma vez, se tem occupado dello com justiça, respectivamente ao seu fim sympathico.

Ultimamente houve ali uma festa—á qual não assistiu *officialmente* a imprensa barcellense, por não ser convidada.

O meu visinho, sapateiro primoroso, diz que a festança correu animada, notando só uma dissonancia: quando uma creança recitava qualquer coisa em francez, todos os assistentes a applaudiam. O diacho da gente parece que pescava muito de portuguez...

### NOTICIAS DIVERSAS

Ha jornalistas, com os com cursos completos, que dizem: «Fulano não tem fundo».

São dos taes criticos a que a gente pode dizer: «Quem te manda a ti escrever para jornaes se tu não lhe sabes pôr a mão».

Um gajo tinha uma bella cabelleira que apartava em ondas *chichs*. Obrigaram-n'o a cortal-a. Dizem uns: «Foi uma questão de disciplina»; outros: «Foi uma questão de hygiene».

Ha grande descontentamento nos habitantes da rua Direita por o João dos Pretos não ser nomeado zelador.

Está aberto o concurso para camaroteiro do theatro Gil Vicente.

No dia 14 do corrente, pelo motivo da posse da nova junta de Parochia desta villa, haverá grandes festejos em Gilmonde.

O Silva foi a casa do Julio Vallongo para se photographar.

Preparado tudo e mettido o Silva em foco, diz ao Julio:

—O' sr. Julinho!

—Que é amigo Silva.

—Olhe que eu quero ficar no retrato como o sr. Joãozinho.

—O que?... como o sr. Joãozinho?

—Sim senhor, quer o ficar com ares de patrão.

A' porta do estabelecimento para um mendigo a quem a fatalidade levou ambos os braços.

—Meu senhor, uma esmolinha pelo amor de Deus.

—Pobre homem. Você não tem braços?

—Não senhor.

—Coitadinho! Então é isso o que o obriga a estender a mão á caridade publica?

E digam que o Silva não é um verdadeiro descendente de Galino.

O Loureiro fez resurgir num paraizo alfayatal o sombrio estabelecimento dos Gatos, onde o Villa Sôcca, de oculos azues, via o progresso vesgamente...

Acabou, em Barcellos, com essas alfayatarias ronceiras, de velha data, chamando a si—e disciplinando—os artifices alfayateiros.

Pode chamar-se ao Loureiro—o Grandella da Porta Nobre.

O loureiro serve, como vegetal, para co-roar os victoriosos e os cleitos; para guarnecer os louceiros e até, para dar saínête aos assados. Como animal, e nesta villa, o Loureiro, serve para transformar um defeituoso, um aleijado, num dandy direito, apromado, graças aos recursos da arto alfayatesca de que dispõe o seu meatre Baído, que é o verdadeiro medico da Carracos, o legitimo Nabiça—para endireitar, com fatos bem acabados, a humanidade torta.

Um aperto de mão ao Loureiro.

Luciano Exposto, engraxador barcellense, vêm, por este incio, agradecer a todas as pessoas das suas relações o cuidado que tiveram em saber do seu estado de saude, e de visital-o, durante o incommodo de que foi acommettido. Agradece, especialmente, ao seu particular migo Paes de Furia, aspirante a pharmacoutico, os especines obsequios que lhe dispensou.

Outrosim, faz publico, que engraxa calçado no domicilio dos freguezes—mediante modica quantia.

Responsavel:—João G. da Silva